

Conservação de Aves Estepárias

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS CINEGÉTICAS EM PLANÍCIES CEREALÍFERAS



PROJETO LIFE ESTEPÁRIAS

Conservação da Abetarda, Sisão e Peneireiro-das-torres nas estepes cerealíferas do Baixo Alentejo
[www.lifeesteparias.lpn.pt]

CONSERVAÇÃO DE AVES ESTEPÁRIAS

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS CINEGÉTICAS EM PLANÍCIES CEREALÍFERAS

Projeto LIFE Estepárias

Conservação da Abetarda, Sisão e Peneireiro-das-torres
nas estepes cerealíferas do Baixo Alentejo

LIFE07NAT/P/654

[www.lifeesteparias.lpn.pt]

A sobrevivência das aves estepárias está, em grande parte, dependente de atividades humanas que mantenham práticas que sejam favoráveis à sua conservação. Este manual pretende contribuir para uma gestão harmoniosa da convivência quotidiana e estreita entre caça e natureza, compilando e resumindo a informação sobre as Boas Práticas que maximizam uma conservação das aves estepárias compatível com a atividade cinegética.

Ficha técnica

Coordenação da Edição: Rita Alcazar, Liliana Barosa, Hugo Lousa & Beatriz Estanque

Contribuições: Ana Rita Lampreia (Associação de Agricultores do Campo Branco), João Madeira (Associação de Criadores de Ovinos do Sul), Sónia Fragoso (LPN) e Cátia Marques (LPN)

Fotografias: LPN, Bing Maps (pp. 9), RIAS (pp. 17 em cima), Iván Vasquez (pp. 1), Luís Venâncio (pp. 4, 11)

Ilustrações: Marcos Oliveira (aguarela a cores), Helena Passos (tinta, a preto e branco), Pedro Fernandes (grafite), Rui Constantino (modelos 3D)

Design gráfico: Gobius Comunicação e Ciência

ISBN: 978-989-97278-4-7

Depósito Legal: 366591/13

Impressão: Gráfica Comercial

Edição: LPN – Liga para a Proteção da Natureza (2012)

Natura 2000 – *A Natureza da Europa para ti! Este projeto foi implementado na Rede Natura 2000 Europeia. Foi selecionado porque inclui algumas das espécies e habitats mais ameaçados da Europa. Todos os 27 países na União Europeia estão a trabalhar em conjunto na Rede Natura 2000 de modo a proteger a herança natural da Europa, diversa e rica, para o benefício de todos.*

Impresso sobre papel 100% reciclado, inteiramente proveniente de resíduos pós-consumo, através de processos totalmente isentos de cloro e não procedente de bosques primários.





O Projeto LIFE Estepárias pretende contribuir para a **conservação a longo prazo da avifauna estepária no Baixo Alentejo**, através de medidas dirigidas a três **espécies ameaçadas de extinção: a Abetarda, o Sisão e o Peneireiro-das-torres**. Estas aves são extremamente sensíveis às alterações das práticas agrícolas que, num passado recente, conduziram à perda e fragmentação do seu habitat por toda a Europa.

A área de intervenção do Projeto LIFE Estepárias são quatro Zonas de Proteção Especial (ZPE) do Baixo Alentejo: Castro Verde, Piçarras, Vale do Guadiana e Mourão/Moura/Barrancos. Estas ZPE integram a Rede Natura 2000, que constitui a Rede Europeia de Espaços Naturais. No entanto, apesar das Boas Práticas agrícolas e cinegéticas serem de especial relevância nesta rede de espaços naturais, a sua aplicação é igualmente importante em todas as áreas de ocorrência destas espécies.

As estepes caracterizam-se por serem paisagens com um relevo suave dominado por planícies, onde predomina uma vegetação herbácea e a ausência de árvores.

Em Portugal não existem verdadeiras estepes, mas a centenária agricultura extensiva, caracterizada pela rotação entre culturas de cereal de sequeiro (trigo e aveia) e pousios (pastagens), moldou um habitat com características semelhantes, localizado essencialmente nas planícies alentejanas, ao qual se chama **pseudo-estepe, planície cerealífera** ou **estepe cerealífera**. Este sistema agrícola proporciona um mosaico de habitats ao longo do ano (searas, restolhos, pousios e campos de leguminosas), essencial para diversas espécies que se adaptaram a este habitat e fazem assim parte de um ecossistema dependente da manutenção da atividade agrícola extensiva.



A Abetarda (*Otis tarda*), o Sisão (*Tetrax tetrax*) e o Peneireiro-das-torres ou Francelho (*Falco naumanni*) são três das espécies consideradas como aves “estepárias” e funcionam como espécies bandeira para a conservação deste ecossistema único. O grupo das aves estepárias inclui também o Rolieiro (*Coracias garrulus*), o Tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), a Calhandra-real (*Melanocorypha calandra*) e o Cortiçol-de-barriga-negra (*Pterocles orientalis*), entre outras.

A comunidade de aves estepárias partilha entre si adaptações morfológicas, fisiológicas, ecológicas e comportamentais a estes ambientes, que podem ser tão inóspitos, desabrigados e até hostis. Todas as aves estepárias têm em comum a dependência deste habitat em termos de alimentação, pois aqui encontram em abundância sementes, rebentos de plantas e insetos que compõem a sua dieta.

No entanto, diferem na forma como se reproduzem, pois enquanto umas espécies fazem os seus ninhos no solo e têm, por isso, uma plumagem discreta e críptica que se confunde facilmente com os tons pardos da vegetação, outras utilizam cavidades existentes em árvores, edifícios, afloramentos rochosos ou marouços de pedras para nidificar.

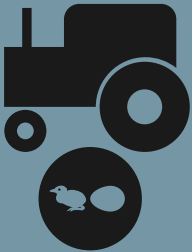
Regra geral, as aves que nidificam no solo têm as patas compridas, adaptadas para caminhar enquanto se alimentam, e formam bandos, sobretudo no inverno, que lhes permitem ter uma maior proteção contra predadores. Apesar dos tons discretos da plumagem, nalgumas espécies os machos têm plumagens mais vistosas para exibirem em admiráveis paradas nupciais.

	Abetarda (<i>Otis tarda</i>) 	Sisão (<i>Tetrax tetrax</i>) 	Peneireiro-das-torres (<i>Falco naumanni</i>) 
ESTATUTO DE CONSERVAÇÃO	EM PERIGO	VULNERÁVEL	VULNERÁVEL
DESCRIÇÃO	Ave terrestre de grande porte. Apresenta dimorfismo sexual acentuado, sendo os machos maiores e mais pesados (podem atingir os 16kg)	Ave de médio porte (as fêmeas são ligeiramente mais pequenas que os machos). Os machos têm a cabeça acinzentada e um colar preto e branco no pescoço (na primavera). As fêmeas são mais pardacentas e os juvenis são semelhantes às fêmeas.	Pequeno falcão migratório com asas estreitas, longas e pontiagudas. Verifica-se dimorfismo sexual na espécie, tanto ao nível da plumagem (os machos apresentam tonalidade cinza na cabeça e cauda) como de tamanho (as fêmeas são ligeiramente maiores).
ALIMENTAÇÃO	Plantas verdes espontâneas, sementes e invertebrados. Insetos durante a fase de crescimento dos juvenis.		Insetos (principalmente), pequenos mamíferos, aves, répteis e anfíbios.
REPRODUÇÃO	Ocorre entre finais de março e junho; os machos usam áreas específicas para as paradas nupciais; as áreas de nidificação são searas ou pousios altos; são colocados 2 a 3 ovos no solo; as crias eclodem passados 21 a 28 dias de incubação, são nidifugas (abandonam o ninho pouco tempo após nascerem, seguindo a progenitora) e alimentam-se de insetos.	Inicia-se no final do mês de março; os machos estabelecem territórios em pousios e pastagens onde fazem a parada nupcial que envolve um chamamento e um salto com o bater de asas; a área de nidificação é em pastagens com vegetação alta; são colocados 3 a 4 ovos diretamente no chão, entre a vegetação; após 22 dias, as crias eclodem e são nidifugas; durante as primeiras semanas de vida, têm uma dieta exclusivamente de insetos.	Nidificam em cavidades de estruturas construídas pelo Homem (montes antigos, castelos, igrejas, etc.), formando colónias que podem chegar aos 500 casais; o casal permanece junto ao longo da época reprodutora e partilha as tarefas relativas à nidificação; as ninhadas têm entre 3 e 5 ovos e as crias são dependentes dos progenitores depois de nascerem, só atingindo a capacidade de voo com cerca de 6 semanas.



Perda e Fragmentação de habitat

- ☞ Transformação da agricultura de sequeiro em regadio ou culturas permanentes (olival, vinha)
- ☞ Florestação das terras agrícolas
- ☞ Abandono do meio rural, com aparecimento de matos
- ☞ Desaparecimento de cavidades de nidificação
- ☞ Pressão humana (estradas, barragens, etc.)
- ☞ Desaparecimento de pousios



Degradação do habitat

- ☞ Aumento do corte de fenos na época de nidificação
- ☞ Sobrepastoreio
- ☞ Mecanização agrícola
- ☞ Utilização de agroquímicos
- ☞ Perturbação humana



Impacte das vedações

- ☞ Colisão com a fiada de arame farpado
- ☞ Efeito barreira



Impacte das linhas elétricas

- ☞ Colisão com as linhas de média e alta tensão
- ☞ Eletrocussão nos apoios



Outros

- ☞ Predação (por animais selvagens e domésticos)
- ☞ Pilhagem de ninhos
- ☞ Alterações climáticas

Na Europa, a conservação das aves estepárias está estreitamente dependente de uma intervenção humana que mantenha estes ecossistemas e, como tal, é necessária a colaboração conjunta de caçadores, agricultores, cientistas, decisores políticos e público em geral para que se consiga inverter a tendência de declínio que a maioria destas espécies enfrenta.

A caça pode desempenhar um papel crucial na conservação das aves estepárias pois pode contribuir para assegurar o estado de conservação favorável do habitat de reprodução e de alimentação destas aves ameaçadas.

Os gestores cinegéticos são um dos principais agentes de gestão do território rural e no seu quotidiano desempenham um papel essencial na conservação da fauna. A gestão cinegética efetuada para melhorar o habitat das espécies cinegéticas tem particular importância, não só para estas espécies, mas também para a conservação da biodiversidade local. Durante os períodos de

escassez de recursos, como o verão ou durante episódios de seca, os pontos de abeberamento e de alimentação suplementares disponibilizados nos terrenos cinegéticos, são especialmente importantes para a sobrevivência das espécies silvestres.

Assim, ao efetuar uma gestão cinegética sustentável que contribui para a proteção da biodiversidade, incluindo as aves estepárias, o gestor cinegético está a prestar um serviço público que beneficia toda a sociedade.

Nas estepes cerealíferas, a gestão cinegética está vocacionada para a caça-menor, pelo que existe uma série de boas práticas que podem ser implementadas de forma a compatibilizar o tipo de medidas já existentes com as necessidades ecológicas da Abetarda e do Sisão, em alguns casos semelhantes às da Perdiz-vermelha, Codorniz e da Lebre.

Cronograma do ciclo de vida das aves das estepes cerealíferas

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Abetarda			Corte	Incubação	Juvenis não voadores			Juvenis voadores que acompanham a progenitora				
Sisão			Corte	Incubação	Juvenis							
Perdiz-vermelha e Codorniz				Incubação	Juvenis							



Abetarda em parada nupcial (corte).

Com o envolvimento dos gestores cinegéticos e caçadores será possível contribuir para a conservação a longo prazo destas emblemáticas aves das nossas planícies, pelo que este Manual de Boas Práticas pretende divulgar medidas de gestão que permitem compatibilizar a atividade cinegética com a proteção das aves estepárias.



Nas planícies cerealíferas de sequeiro, a carência de água durante o verão é um fator a ter em consideração na sobrevivência das espécies silvestres, entre as quais a Abetarda, o Cortiçol-de-barriga-negra e a Perdiz. Nestas áreas, a gestão agro-pecuária e cinegética já incluem práticas que podem ser maximizadas para abranger as necessidades de abeberamento de espécies como a Abetarda.

A implementação destas ações no terreno de uma forma constante ao longo dos anos, pode ser um fator decisivo, sobretudo num ano de seca, pois as aves já estarão habituadas a estes locais e facilmente poderão recorrer a eles. Estas medidas são ainda mais importantes no atual contexto de alterações climáticas, podendo funcionar como ações de mitigação da seca.

Regra geral, os pontos de água naturais são sempre preferíveis aos artificiais e só quando a rede de pontos de abeberamento naturais for insuficiente ou inexistente é que se deverá recorrer à suplementação com bebedouros artificiais.

Assim, uma rede de pontos de abeberamento pode ser maximizada para incluir a conservação de aves estepárias das seguintes formas:

I. Os pegos e nascentes em linhas de água são os pontos de abeberamento preferenciais para as espécies estepárias e cinegéticas. Como são locais com maior profundidade



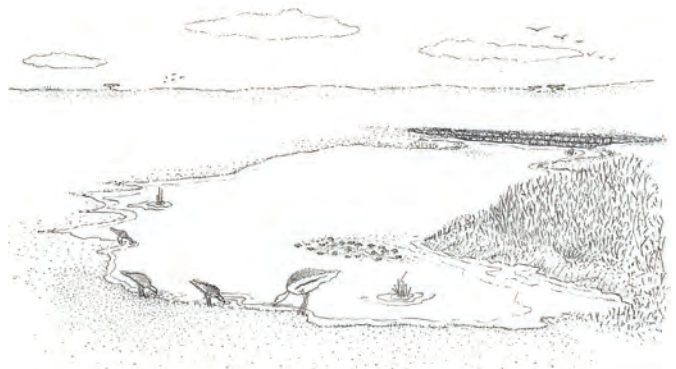
As aves estepárias preferem beber em pegos e nascentes de linhas de água.

nas ribeiras e mantêm água durante o verão, as aves estão já habituadas à sua existência e a sua conformação natural confere alguma segurança a espécies especialmente sensíveis à perturbação, como é o caso da Abetarda.

a) Para que estes locais mantenham água em boas condições ao longo de todo o verão, é importante evitar o acesso do gado para abeberamento direto, sendo aconselhável a colocação de bebedouros para o gado;

b) Nos locais com nascente pode aprofundar-se ligeiramente a zona, escavando de forma a criar uma pequena poça, com 1 a 2 metros de diâmetro, que permita a acumulação de água por afloramento.

II. As charcas, açudes e pequenas barragens têm características seminaturais que se adequam ao abeberamento pelas aves estepárias, sobretudo se não tiverem vedações nas suas margens. Estes locais possuem uma conformação relativamente natural, sendo menor a adaptação por parte das aves a uma estrutura de aspeto mais artificial como são os bebedouros. Contudo, a inexistência de vedações pode provocar problemas de qualidade da água, sobretudo em explorações com gado bovino, em que o gado beba diretamente desses locais. Caso se opte pela colocação de vedações, nomeadamente de rede ovelheira, estas deverão ter passagens para a fauna (ver

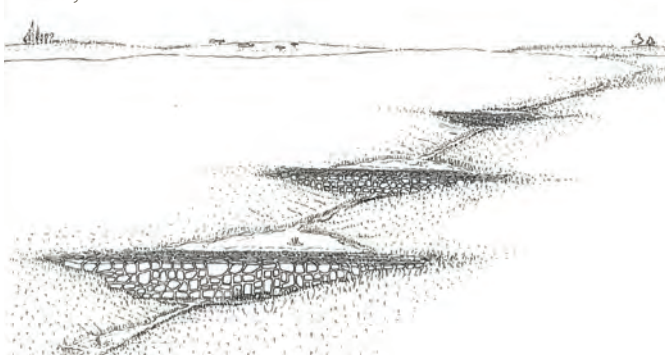


As charcas, açudes e pequenas barragens sem vedações nas suas margens têm características adequadas ao abeberamento pelas aves estepárias.

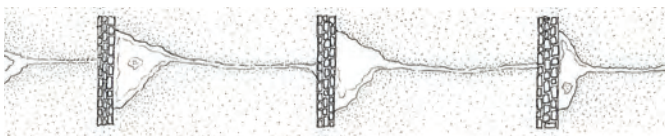
capítulo “Vedações”), pois espécies como a Abetarda acedem a estes locais caminhando.

a) Para que as charcas sejam mais adequadas para o abeberamento por aves, nomeadamente por espécies estepárias, é importante que tenham **pelo menos 20% de margem sem vegetação** e que **o acesso a esta não seja excessivamente inclinado**. Na construção de uma nova barragem, deve garantir que **pelo menos uma das margens seja o mais suave (plana) possível**, para facilitar o acesso às aves e não inibir a sua aproximação à água;

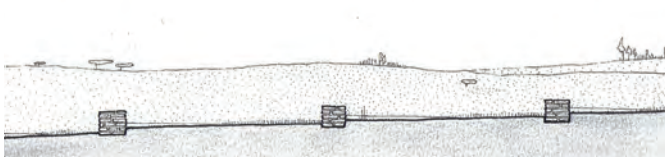
Vista de frente



Vista de cima



Vista de lado

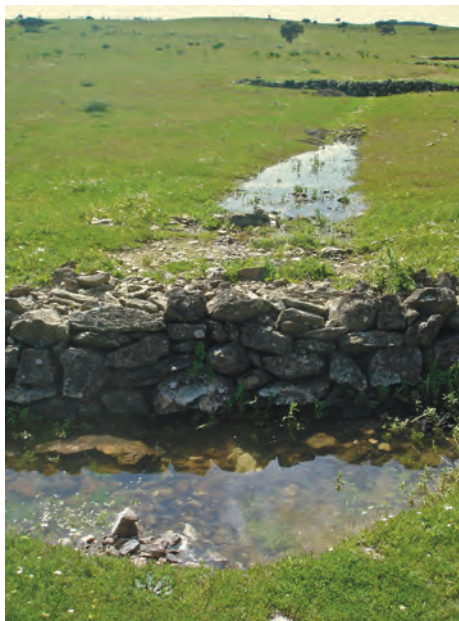


Esquema da instalação de pequenos muretes de pedra nas linhas de escorrência.

b) Nas barragens ou charcas vedadas, **o perímetro da vedação em redor deve ser suficientemente largo do lado em que o declive seja mais suave**, para permitir o acesso das aves que se desloquem através de voo com um menor risco de colisão;

c) Para que mantenham água no período mais seco, é conveniente **efetuar uma limpeza de sedimentos para evitar a sua colmatação** (em média, uma limpeza em cada 7 anos, consoante a dimensão e bacia hidrográfica).

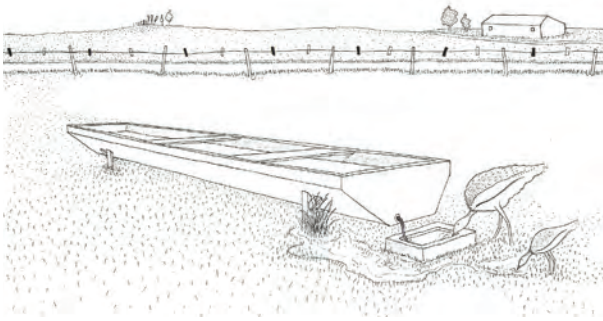
III. A **instalação de pequenos muretes de pedra** nas linhas de escorrência de água permite reduzir a velocidade de escorrência da água, aumentando a sua taxa de infiltração no solo e a permanência de pequenas poças de água. Como se prolonga o período de encharcamento do solo, estes locais irão manter vegetação verde por um período mais longo, maximizando também as espécies de insetos, podendo funcionar também como pontos de alimentação da fauna, nomeadamente das aves estepárias, da Lebre e da Perdiz.



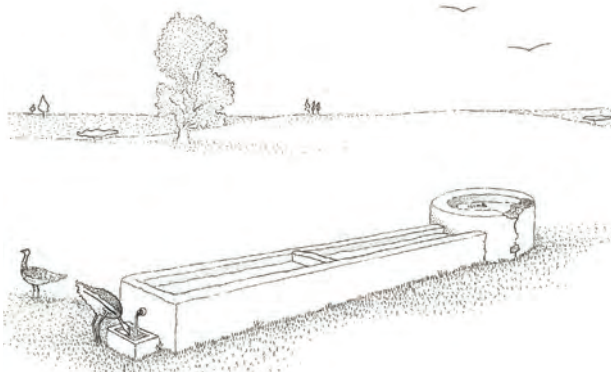
Exemplo da aplicação de pequenos muretes de pedra.



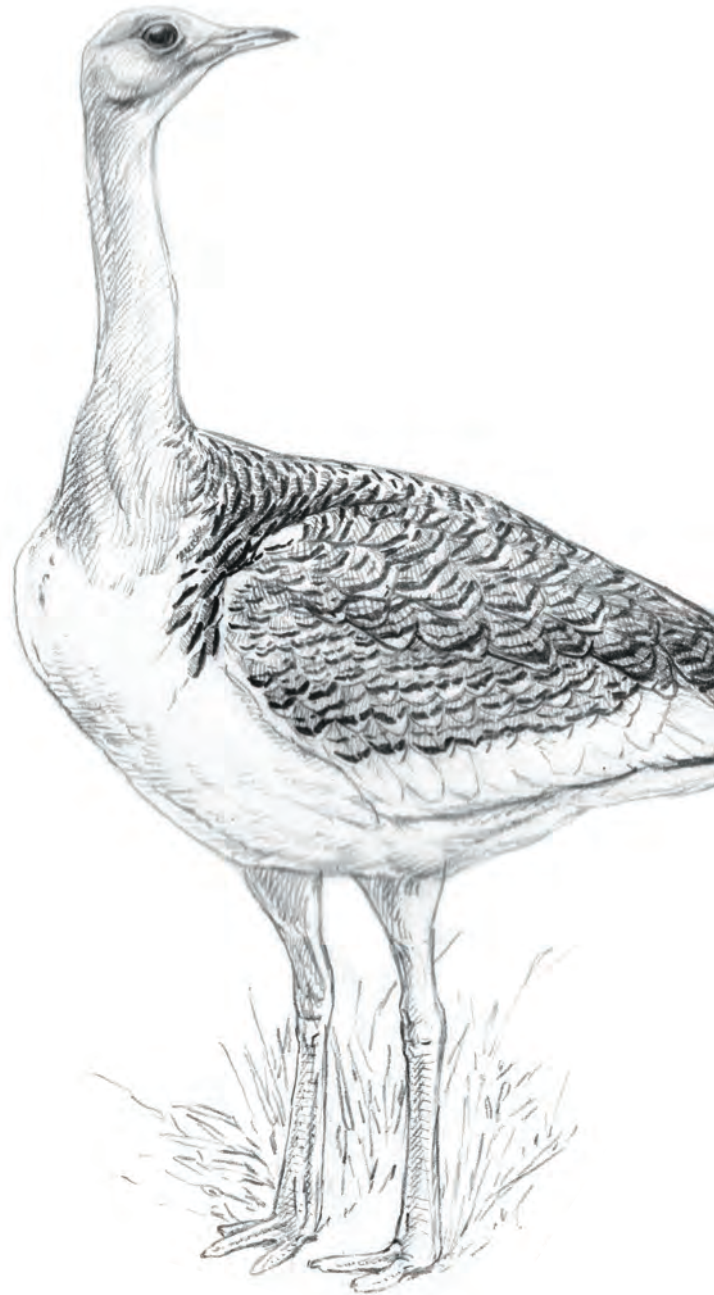
IV. Os bebedouros para gado (masseirões) podem também ser importantes pontos de abeberamento para as aves. Contudo, se forem muito elevados, espécies como a Abetarda, o Coelho ou a Lebre não conseguirão utilizá-los. Para que possam ser utilizados por esta fauna silvestre deverá existir **uma estrutura quase ao nível do solo, com uma altura máxima até 25cm do solo**, que poderá encher-se por efeito cascata com origem no masseirão (no entanto, para evitar desperdícios de água, o ideal é possuírem um mecanismo de regulação do nível da água com uma bóia). Se estes locais ficarem **junto a poços** aumentar-se-á a probabilidade de utilização pela Abetarda, pois são locais que naturalmente têm água e aos quais as aves já estão acostumadas.



Os masseirões também podem ser pontos importantes de abeberamento para as aves estepárias.



A probabilidade de utilização dos pontos de abeberamento adicionais aumenta se estiverem junto de poços, locais que costumam ter água naturalmente e aos quais as aves já estão acostumadas.



V. Poderão também instalar-se **bebedouros específicos para as aves selvagens**, à semelhança do que muitas zonas de caça já efetuam. Contudo, para que estes estejam acessíveis para a Abetarda, é importante que não tenham nenhuma vedação em seu redor.

a) Em explorações com gado aconselha-se a utilização de **reservatórios do tipo “manilha”** feitos em betão e rodeados por um marouço de pedras, que são resistentes nomeadamente ao gado bovino. Estes reservatórios têm uma boa capacidade para a água (110 litros), o que evita a perturbação excessiva dos reabastecimentos. Além disso, a água mantém-se fresca e com qualidade por um longo período de tempo;

b) A gamela para disponibilizar a água à fauna deve ser também de cimento, da tipologia já utilizada por gestores cinegéticos, e que permite controlar o gasto da água através de um sistema de regulação do nível da água com uma bóia, evitando desperdícios e dificultando o abeberamento pelo gado;

c) É importante ter em atenção que as gamelas devem disponibilizar o nível máximo de água, permitindo dessa forma que aves como a Abetarda consigam beber. Se a profundidade da água disponibilizada na gamela for muito reduzida as Abetardas não conseguem sorvê-la. Assim, deve ter-se especial atenção com a regulação da bóia de modo a que se disponibilize o nível máximo de água, mas evitando que a água se perca por derramamento;

d) Os bebedouros podem ser colocados próximo de locais onde exista água em condições naturais (ribeiras, barrancos, etc.), idealmente com alguma sombra, e onde os animais já estejam habituados a procurá-la, uma vez que estes bebedouros constituem uma forma alternativa de disponibilizar água em períodos de seca;

e) Deve evitar-se que a água nos bebedouros se esgote durante a época mais seca, pois geralmente, a partir do momento em que se esgota a água, os animais deixam de procurá-la nesse local. Para garantir que exista sempre

água disponível nos bebedouros, recomenda-se a sua manutenção constante (verificação do estado das bóias, desentupimento de tubos) e abastecimentos regulares (pelo menos mensalmente);

f) Os bebedouros devem estar em funcionamento pelo menos durante o período mais seco, o que é variável consoante os anos, mas idealmente de Maio a Outubro.

VI. Os pontos de abeberamento devem ser distribuídos **homogeneamente pela área**, para evitar uma grande concentração de bebedouros num local e ausência em outras áreas. Deve assegurar-se uma boa rede de pontos de água acessíveis aos animais selvagens (**pelo menos um em cada 100ha**, contabilizando todos os locais disponíveis), em particular nos períodos secos.



Gamela para disponibilizar água à fauna, com bóia que evita desperdícios.

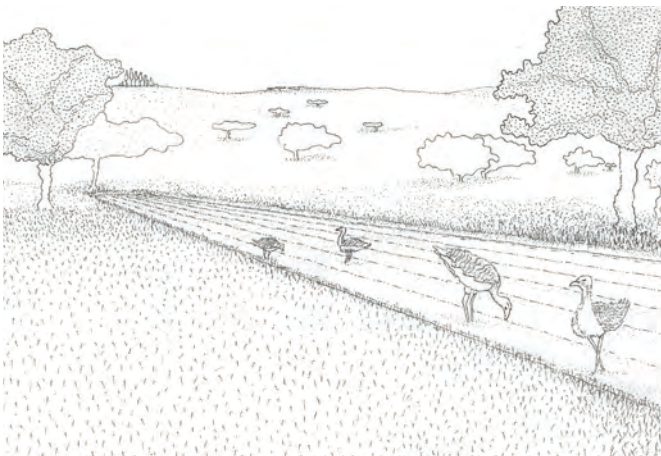
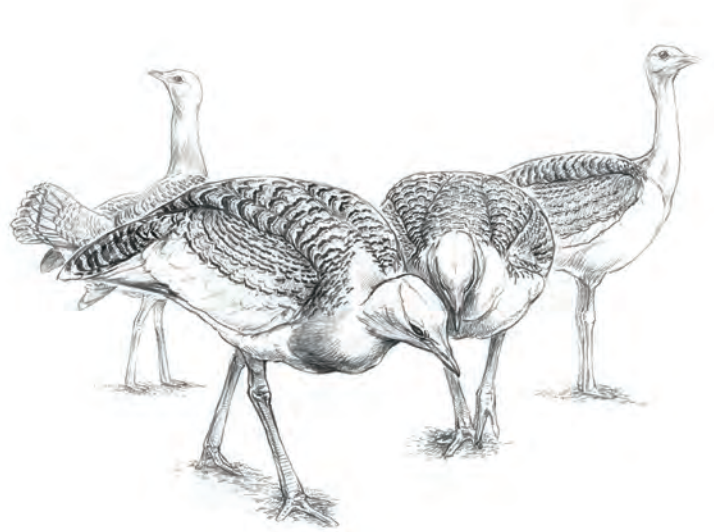


Reservatório do tipo manilha.

Nas áreas estepárias, devido ao cultivo de cereais e pastos naturais, existe abundância de alimento ao longo de todo o ano, embora este possa ser significativamente mais escasso durante o verão e dependendo do efetivo pecuário. Assim, podem haver locais onde seja importante fornecer alimento suplementar, formando uma rede que permita à fauna alimentar-se sem ter que percorrer grandes distâncias.

Tal como no abeberamento, as soluções mais naturais são sempre preferíveis a situações artificiais. Assim, a existência de culturas para a fauna (como as faixas de leguminosas de primavera), que se mantenham durante o verão, são mais adequadas para espécies como a Abetarda e a Perdiz. No caso das culturas para a fauna, deve evitar-se o uso de fitossanitários de modo a que as culturas tenham uma maior diversidade de plantas e invertebrados, pois são fontes de alimento importantes para a Abetarda, Sisão e Perdiz-vermelha, sobretudo na fase de crescimento dos juvenis.

As Abetardas, nomeadamente as fêmeas acompanhadas de juvenis, consomem sementes que sejam disponibilizadas por espalhamento, tanto junto a bebedouros como em suvadouros, que se assemelham aos restolhos, onde também se alimentam. Os modelos de comedouros que se comercializam ou os artesanais para a Perdiz não são aparentemente utilizados pela Abetarda, pelo que deverão ser evitados.



Culturas de leguminosas são pontos de alimentação muito importantes para as aves estepárias.



Suvadouro (rodado ou eira).

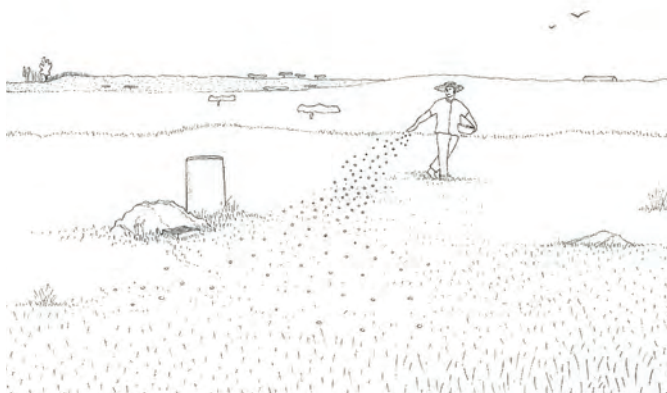


Algumas sugestões para maximizar a utilização de pontos de alimentação por aves estepárias, como a Abetarda, são:

I. O alimento deve ser disponibilizado através de espalhamento nos locais geralmente já utilizados para alimentação, como **faixas de leguminosas ou suvadouros**. Também podem ser efetuados **em redor dos bebedouros** artificiais ou locais de abeberamento naturais.

II. Previamente à gradação do solo para a instalação de suvadouros, em locais em que o cereal ou o pousio esteja ainda alto, deve prospetar-se a área de maneira a garantir que **não se encontra nenhuma postura mais tardia ou alguma ave juvenil que possa ser ferida ou afugentada** do local durante os trabalhos.

III. O alimento deve consistir numa mistura de sementes que contenha sempre uma elevada percentagem de leguminosas (mínimo de 30%), tais como o grão-de-bico, a ervilha e a ervilhaca, mas incluir também cereais como o trigo, aveia, cevada. Está disponível no mercado uma mistura corrente para aves (que inclui milho redondo, sorgo vermelho, ervilha amarela, ervilha verde, trigo, sorgo branco, cevada, faveca e girassol preto) que também pode ser utilizada.



A alimentação suplementar pode ser efetuada em suvadouros ou em redor dos locais de abeberamento artificiais ou naturais.

IV. Os espalhamentos devem ser realizados na proporção de 12kg de sementes para uma área com um raio aproximado de 10 metros de forma a ficarem espalhadas o mais possível e não em pequenos aglomerados.

V. Nos locais em que se saiba que a Abetarda regularmente procura alimento, recomenda-se efetuar um espalhamento semanal ou quinzenal.

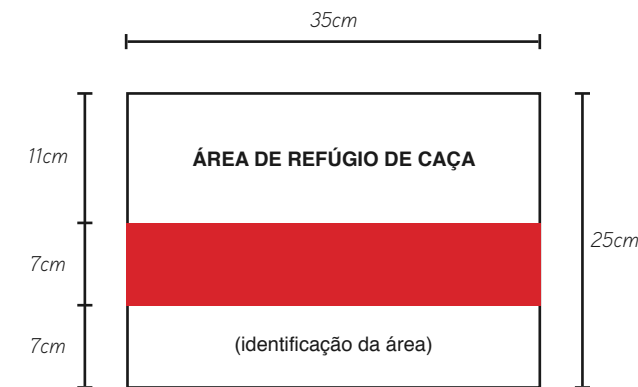


Abetardas alimentando-se junto a um bebedouro do tipo “manilha de betão”.

A atividade cinegética é considerada um elemento importante de gestão da fauna selvagem, respeitando as necessidades ecológicas das espécies e os equilíbrios biológicos. No caso da Abetarda, que é particularmente sensível à perturbação, nomeadamente à presença humana, a existência de uma rede de áreas de refúgio pode ser fundamental para a presença da espécie.

Neste sentido, é aconselhável que:

- I. As áreas de refúgio devem estar corretamente identificadas para prevenir que exista perturbação causada pelos caçadores por desconhecimento dos seus limites. Durante as jornadas de caça deve evitar-se o seu atravessamento, sobretudo por cães de caça.
- II. Previamente às jornadas de caça recomenda-se uma prospeção da Zona de Caça, de modo a identificar locais onde se encontrem indivíduos de Abetarda ou de Sisão, e evitar a seleção destes locais na atribuição das manchas das jornadas de caça.
- III. Durante as atividades em que sejam utilizados cães de caça, deve evitar-se atravessar áreas onde se encontrem Abetardas ou Sisões, sobretudo se acompanhados por juvenis, para evitar o seu afugentamento.



Sinalização de área de refúgio de caça

IV. Deve evitar-se que os cães de caça andem soltos ao longo do ano em território de ocorrência de Abetarda, Sisão e Perdiz-vermelha. Os cães soltos e sem o controlo do caçador podem destruir ninhos (durante o período reprodutor), e perseguir animais já adultos e provocar a sua morte.

V. A entidade gestora da Zona de Caça deve incentivar o papel do caçador na conservação da biodiversidade.



As áreas de refúgio para a caça permitem a presença de espécies protegidas, como o Sisão, em zonas de uso cinegético.

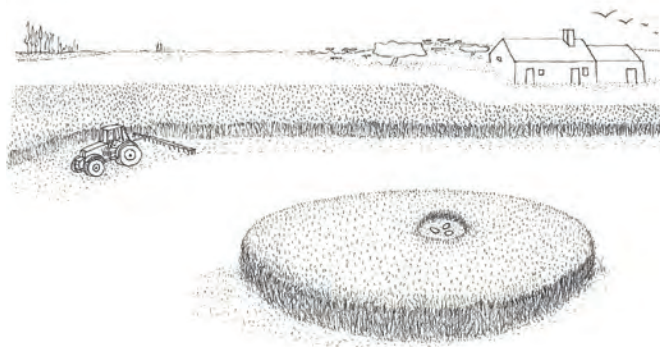


As estepes cerealíferas têm, à partida, boas condições para o desenvolvimento das populações de aves estepárias e de espécies cinegéticas de caça menor, como a Perdiz-vermelha e a Lebre. No entanto, o verão representa sempre um período crítico em termos de disponibilidade de recursos alimentares e água.

Neste sentido, é importante a articulação com a componente agro-pecuária para maximizar os esforços desenvolvidos, nomeadamente:

I. Incentivar a redução de agro-químicos, nomeadamente pesticidas que eliminem os insetos que são indispensáveis para o crescimento dos juvenis das aves nos primeiros tempos de vida. Assim, pode ser favorável deixar faixas ou pequenas áreas livres dos produtos químicos garantindo a presença de insetos.

II. Os cortes para feno coincidem em pleno com a época de nidificação, pelo que é aconselhável a **localização prévia e sinalização dos ninhos**, procurando evitar o corte nos locais onde se situam (mesmo sabendo que aumenta o risco de predação ou a possibilidade de rejeição do ninho, esta opção é preferível à destruição dos ninhos pelas máquinas).



Se encontrar ninhos deixe uma faixa de 10m de raio ao seu redor e evite a perturbação do local.

III. As ceifas deverão ser feitas do centro para a periferia, para facilitar a fuga e dispersão dos juvenis e minimizar o efeito de atropelamento pelas máquinas agrícolas e a predação.



As estepes cerealíferas permitem o desenvolvimento de populações de aves estepárias e de espécies cinegéticas mas requerem uma gestão do habitat apropriada.

As vedações utilizadas para delimitar parcelas, apesar de atualmente serem necessárias na gestão agro-pecuária, são prejudiciais para as aves estepárias, pois funcionam como um obstáculo à sua circulação, tanto em voo como no solo.

Em determinadas áreas é comum as aves colidirem com as vedações, o que leva a ferimentos muitas vezes mortais, sobretudo quando existe arame farpado. A reduzida capacidade de visão frontal das aves estepárias aliada ao facto dos arames serem pouco visíveis podem contribuir para agravar este problema. Mas não são só as aves estepárias que são afetadas, e mesmo espécies com melhores capacidades de visão, como as aves de rapina, e espécies cinegéticas (como a Perdiz, Codorniz e Tarambola-dourada) também colidem com vedações de arame farpado.

Por outro lado, as vedações limitam a passagem das aves estepárias que se deslocam caminhando no solo, como a Abetarda. Uma vedação pode ser um obstáculo praticamente intransponível para as crias que ainda não conseguem voar e que já não conseguem passar nos espaçamentos das vedações, ficando com o acesso condicionado à água e às zonas com alimento. Acresce que as crias, quando ficam separadas das progenitoras, ficam muito mais vulneráveis aos predadores.



Abetarda vítima de colisão com vedação com arame farpado.

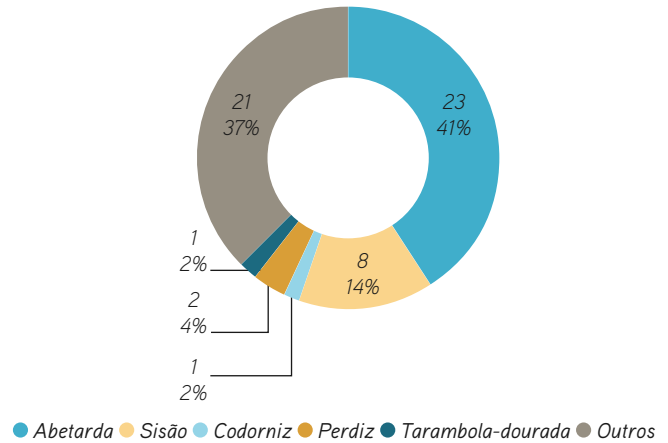


Gráfico 1 - Registos de colisão de aves com vedações na ZPE de Castro Verde, entre 2009 e 2012, com indicação do número absoluto e respetiva percentagem.

A colocação de uma vedação numa área de parada nupcial de Abetarda pode impossibilitar as exibições dos machos para atrair as fêmeas e as “lutas” quando estes estão a estabelecer hierarquias sociais. Uma vedação nova numa área de parada nupcial pode, assim, fragmentar a disponibilidade de habitat e provocar o desaparecimento da espécie desse local.



Abetarda encurralada entre duas vedações.

As medidas de melhoramento para minimizar o impacto das vedações nas aves são:

I. Em áreas de parada nupcial de Abetarda deve evitar-se a colocação de novas vedações de arame. As vedações de fio elétrico podem ser uma opção fiável, com um custo mais reduzido e com a vantagem de serem facilmente amovíveis, em função das necessidades de gestão do gado.

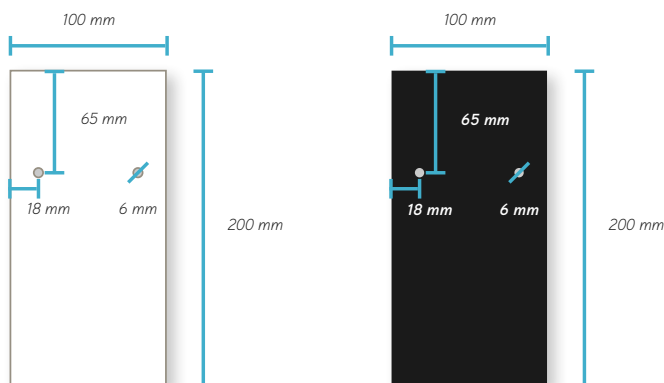
II. O arame farpado é a principal causa dos ferimentos nas aves, pelo que se deve evitar a sua colocação. Em caso de ser necessário colocar **arame farpado, deverá colocar-se apenas uma fiada a acompanhar o limite superior da rede ovelheira**, evitando colocar-se o arame farpado distanciada da rede. O compasso das farpas deve ser também o mais espaçado possível.

III. As áreas cercadas deverão ser superiores a 15ha, exceto se forem currais, se estiverem junto das áreas sociais da exploração ou de estradas.

IV. A vedação deve ter uma altura máxima de 1,20 metros (em média).

V. Para aumentar a visibilidade das vedações, estas devem ser sinalizadas, colocando placas de PVC brancas e pretas alternadamente na fiada superior de arame e os topos dos postes de madeira deverão ser pintados de branco. Para minimizar a resistência ao vento das placas de PVC, estas devem ser furadas, e devem ser reforçados os pontos de fixação do arame nos paus. As abraçadeiras devem ser de um material preparado para condições de exterior, nomeadamente resistentes ao calor.

VI. O acesso a charcas, pegos e pequenas barragens deverá manter-se livre, sem o acesso vedado. Em zonas com gado, sobretudo se for gado bovino cujo abeberamento pode deteriorar a qualidade da água, existe maior probabilidade dos pontos de abeberamento estarem vedados, pelo que se recomenda a colocação de passagens para a fauna. Nestes casos recomenda-se também o alargamento do perímetro vedado, para permitir um melhor acesso à água e diminuir o risco de colisão quando aves pousam ou levantam voo.



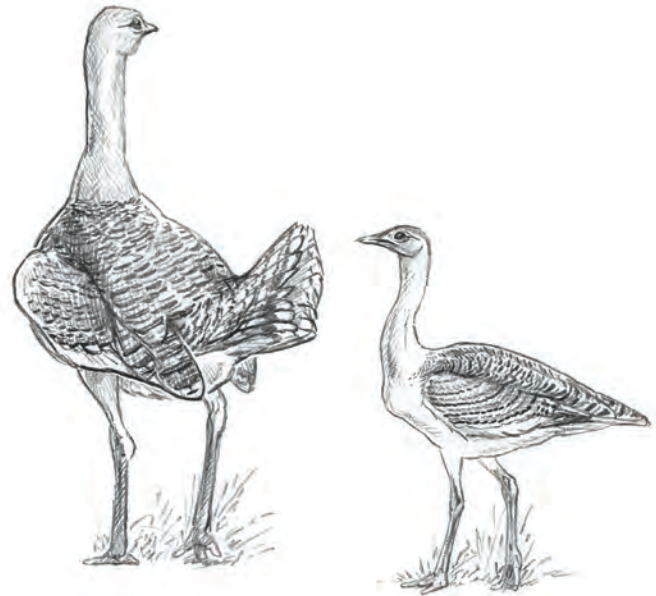
Placas de PVC brancas e pretas e respectivas dimensões, e exemplo de aplicação em vedação.

VII. Para permitir a passagem da Abetarda, **as vedações com rede ovelheira devem ter passagens inferiores para a fauna, pelo menos em cada 150 metros.** Os cantos das vedações são locais importantes para a colocação de passagens. De igual modo, os portões deverão ter também espaçamento suficiente para permitir a passagem da fauna.

Em locais com gado bovino, recomenda-se a instalação das passagens para a fauna tipo “porta” nos pontos de reforço, com as dimensões de 1m de comprimento por 30cm de altura. Sugere-se que se reforce a vedação com um pau horizontal no topo da passagem e que se mantenha o fio de arame inferior, para garantir a estabilidade da vedação.

Em locais com gado ovino, recomenda-se a instalação de passagens tipo “paus desencontrados”, com as dimensões de 60cm de comprimento total e com paus verticais distanciados 20cm entre si, ou tipo “porta reduzida”, com as dimensões de 30cm de comprimento por 20cm de altura.

As passagens para a fauna podem também ser utilizadas por animais domésticos, como os cães de caça, e com um pequeno melhoramento podem facilitar a transposição dos caçadores.



Abetarda a utilizar uma passagem para fauna do tipo “porta”.

Passagem inferior para a fauna em vedações com rede ovelheira:
 “Paus desencontrados” (ovinos)

Vista de cima

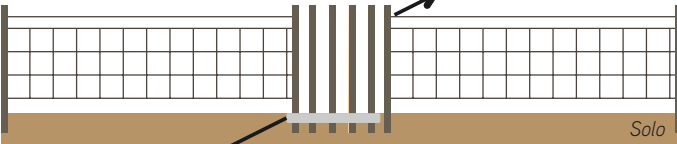
60cm

20cm

Vista de frente

Paus da vedação com 7cm de diâmetro

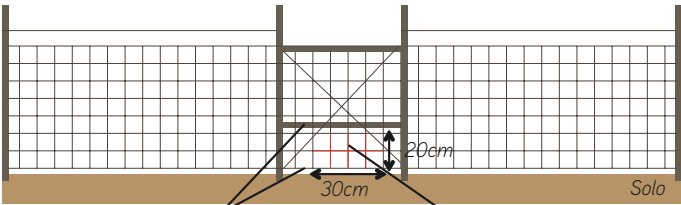
Pau da vedação já existente



Sapata de cimento

Passagem inferior para a fauna em vedações com rede ovelheira:
 “Porta reduzida” (ovinos)

Ponto de reforço da vedação

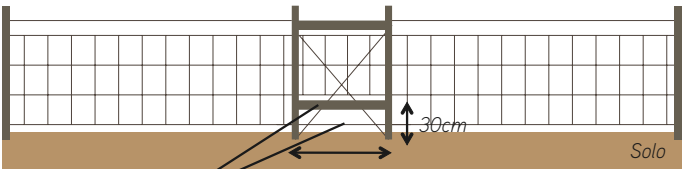


Reforço da vedação com pau horizontal e manutenção do arame inferior

Abertura de 20cmx30cm na rede ovelheira

Passagem inferior para a fauna em vedações com rede ovelheira:
 “Porta” (bovinos)

Ponto de reforço da vedação



Reforço da vedação com pau horizontal e manutenção do arame inferior

A colisão com linhas elétricas, com vedações de estacionamento de gado e com máquinas agrícolas durante as ceifas, a eletrocussão e a queda de crias dos ninhos (no caso do Peneireiro-das-torres), são algumas das causas de mortalidade de aves estepárias. A sua minimização passa pela tentativa de resgate de aves feridas e/ou debilitadas, a sua recuperação e posterior devolução à natureza.

Qualquer animal selvagem encontrado ferido ou debilitado deverá ser imediatamente encaminhado para o centro de recuperação de fauna selvagem mais próximo, mediante contato com as autoridades competentes (Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) e Serviço de Proteção da Natureza e Ambiente da GNR (SEPNA)) ou, em alternativa, com o apoio da LPN.

COMO PROCEDER SE DETETAR UM ANIMAL SELVAGEM FERIDO:

- Evitar ao máximo perturbá-lo, minimizando o barulho, tempo de manipulação e contato com as pessoas;
- Entrar de imediato em contato com as entidades competentes (SEPNA ou ICNF) e seguir as indicações dadas por estas;
- Caso seja necessário efetuar a sua contenção, deve usar uma toalha ou pano para cobrir a cabeça do animal (evita estímulos visuais, acalmando-o) e colocá-lo numa caixa de cartão adequada ao seu tamanho, com pequenos furos para que possa respirar, tendo muita atenção ao bico e às garras para não ser magoado. Este procedimento requer alguma experiência e conhecimento para ser efetuado em segurança, pelo que se não se sentir apto deve aguardar pelas entidades competentes;
- Não manter o animal em sua posse mais tempo do que o estritamente necessário e apenas prestar os primeiros-socorros se tiver conhecimento para tal.



Cria de Abetarda em recuperação após ter sido colhida por uma máquina agrícola.



Cria de Peneireiro-das-torres colocada numa caixa preparada para o seu transporte para o centro de recuperação de fauna selvagem.





GNR SOS Ambiente: 808 200 520

SEPNA – GNR Geral (Lisboa): 213 217 291/2

SEPNA – GNR (Almodôvar): 961 193 278

SEPNA – GNR (Aljustrel): 961 193 277

SEPNA – GNR (Beja): 961 193 279

SEPNA – GNR (Moura): 961 193 280

ICNF – Parque Natural ou Área Protegida mais próxima:

Parque Natural do Vale do Guadiana (Mértola): 286 610 090

Parque Natural de S. Mamede (Portalegre): 245 909 160

**Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
(Odemira):** 283 322 735

**LPN – Centro de Educação Ambiental do Vale Gonçalinho
(Castro Verde):** 286328309

**RIAS – Centro de Recuperação e Investigação de Animais
Selvagens (Olhão):** 927659313

A PRESTAÇÃO DE PRIMEIROS SOCORROS EM ANIMAIS SELVAGENS FERIDOS SÓ DEVE SER EFETUADA CASO SE TENHA CONHECIMENTOS PARA TAL!

JUNTOS A PROTEGER AS AVES ESTEPÁRIAS



PROJETO LIFE ESTEPÁRIAS

LIFE07NAT/P/654

LPN – Liga para a Protecção da Natureza
Centro de Educação Ambiental do Vale
Gonçalinho

Herdade do Vale Gonçalinho, Apartado 84,
7780-909 Castro Verde

Telefone: 286 328 309 / Fax: 286 328 316

Email: lpn.cea-castroverde@lpn.pt

[www.lifeesteparias.lpn.pt]

Coordenador



Parceiros



distribuição

Financiamento comunitário



LIFE07NAT/P/654 - Contribuição financeira do Programa LIFE da União Europeia

Co-Financiadores



SOMINCOR
Sociedade Mineira de Neves - Cerco, S.A.



Financiamento da REN é uma medida financiada no âmbito do PPDA aprovado pela ERSE